



“WAITING”: POSSIBILIDADE DE FRUIÇÃO DA PALAVRA LITERÁRIA NAS SALAS DE AULA DE LÍNGUAS

Rúbia Garcia de Paula (UEG)¹
Wesley Luis Carvalhaes (UEG)²

Resumo: Pensando a língua(gem) como processo de interação verbal (BAKHTIN 2011; VOLOCHÍNOV, 2021), e nos letramentos como práticas sociais (FERRAZ, 2020) para a cidadania (ROJO, 2004), este trabalho lança luz sobre a palavra literária oriunda do *locus* social em que se insere a primeira autora – o município de Itauçu, Estado de Goiás –, pensando-a como possibilidade de leitura em salas de aula de línguas, de modo que o ensino ultrapasse a língua pela língua, e toque a língua(gem) na/da comunidade. Propõe-se uma análise da obra *reverso*, do itauçuense Heitor A. Pereira, especificamente do poema “Waiting” (PEREIRA, 2015, p. 27), que movimenta signos em português e em inglês. Tenta-se compreender como a língua(gem) é mobilizada pelo sujeito lírico do poeta; e que tipo de leitores ela permitiria movimentar, numa possibilidade de leitura mediada na escola, com possíveis desdobramentos extraclasse, já que os letramentos literários ultrapassam muros, e tocam os saberes da comunidade local e global. O trabalho fundamenta-se, sobretudo, nas perspectivas de língua(gem) bakhtinianas; na noção de leitor-modelo de Eco (2004); nos estudos de letramentos de Rojo (2004) e Ferraz (2020). Uma das conclusões mais relevantes do estudo é a de que, na mesma construção poética, o poeta convoca leitores que ocupem um espaço social a partir do qual sejam capazes de compreender os signos ideológicos em língua portuguesa e inglesa, para que verdadeiramente tomem posse não só do texto, ou do contexto de mundo em que o inglês é tido como uma língua global; mas também da fruição artística proporcionada pela palavra literária expressa em duas línguas que discursivamente se complementam. Daí a importância da educação linguística.

Palavras-chave: Letramentos. Ensino de línguas. Palavra literária. Interação verbal. Fruição.

INTRODUÇÃO

Este artigo representa, em partes, os estudos desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Inhumas (PPGE-UEG/Inhumas), em que a primeira pesquisadora atualmente é mestranda, e desenvolve uma pesquisa sobre a leitura literária em livros didáticos de português, tendo como uma das bases teóricas substanciais o Círculo de Bakhtin. A pesquisa recebe apoio financeiro da Fundação de Amparo à

¹ Licenciada em Letras, Português, Inglês e suas respectivas Literaturas pela Universidade Estadual de Goiás (UEG/Inhumas). Mestranda em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Goiás (PPGE-UEG/Inhumas). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG).

² Doutor em Letras e Linguística. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Goiás (PPGE-UEG/Inhumas).



Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG), na modalidade bolsa de formação em nível de mestrado, e é orientada pelo segundo pesquisador.

O artigo também se liga, em partes, a um trabalho de conclusão de curso (TCC), igualmente fundamentado na teoria bakhtiniana de linguagem, desenvolvido pela pesquisadora no curso de “Letras, Português, Inglês e suas Respectivas Literaturas”, da UEG/Inhumas, cujo objeto de estudo foi a obra poética *reverso*, de Heitor A. Pereira. O citado TCC foi marco inicial da pesquisadora para os estudos científicos do Círculo de Bakhtin, orientada pelo segundo pesquisador.

Mas, diferentemente de outrora, lançam-se agora luzes sobre a obra *reverso* (PEREIRA, 2015) para olhá-la de um ângulo um pouco diferente: pensando nos letramentos movimentados numa possível mediação da obra nas salas de aulas de línguas como contribuição para a formação de leitores capazes de ler não só a palavra, mas o mundo, como preconiza a perspectiva de linguagem bakhtiniana. Assim, propõe-se um possível pensar com os educandos sobre as condições de publicação fora dos grandes centros; sobre a palavra poética não listada na literatura canônica; e sobre a fruição da palavra literária nas salas de aula de línguas, sejam elas de português ou inglês, já que o sujeito lírico no poema escolhido para este trabalho, “Waiting” (PREIRA, 2015), movimenta signos linguísticos em ambas as línguas.

Assim, o artigo fundamenta-se em Bakhtin (2011), Carvalhaes (2017), Eco (2004), Ferraz (2020), Pereira (2014; 2015), Ribeiro e Coscarelli (2022), Rojo (2020; 2004), Volóchinov (2021) e está escrito em uma única seção.

DESENVOLVIMENTO

Ao discutir letramento para a cidadania, Rojo (2004, p. 1) versa que a “escolarização, no caso da sociedade brasileira, não leva à formação de leitores e produtores de textos proficientes e eficazes e, às vezes, chega mesmo a impedi-la”. Essa assertiva de que o letramento escolar brasileiro ainda não forma bons leitores e, conseqüentemente, bons escritores ou “produtores de textos”, embora não trate diretamente dos entraves para a publicação de livros no Brasil, deste assunto não se afasta.

Na perspectiva deste trabalho, o fato de a formação escolar “chegar a impedir” a construção de leitores e de escritores tem desdobramentos na possibilidade de publicação de obras, sejam elas literárias ou não, haja vista que um livro publicado anseia por leitores capazes de desfolhá-lo na



tomada de posse do texto. Fato é que, sendo precária a formação de leitores, a publicação de livros no Brasil é historicamente onerosa e, normalmente, de difícil acesso aos escritores, principalmente nos *locus* distantes dos grandes centros, onde se concentram as editoras. As condições de publicação de livros, sobretudo literários, como o que está em questão, estão, por assim dizer, ligadas ao letramento, pois, sem a formação crítica e reflexiva de leitores ávidos por leitura, as letras dos livros perdem a razão de ser-no-mundo.

Por esse motivo, antes de se colocar em questão o ato de ler o poema “Waiting” (PEREIRA, 2015, p. 27), ora proposto, faz-se por bem apresentar as condições de publicação do livro e o respectivo autor. Heitor A. Pereira, segundo a própria apresentação na orelha do livro *reverso*, é “Goiano, de Itauçu – uma micro-cidade do interior do estado. Meio músico, meio poeta, tímido e meio” (PEREIRA, 2015). Ao delimitar o *locus* de origem como sendo um pequeno município goiano, Heitor A. Pereira movimenta no leitor conhecimentos que estão fora do texto, e tocam a leitura do mundo histórico, social, cultural, inclusive quanto à publicação de livros, pois, conforme argumentado anteriormente, é histórica a dificuldade de publicação, sobretudo, quando o escritor está distante das grandes cidades, sedes das editoras. Destaca-se aí a importância do letramento social numa possível mediação dessa obra na sala de aula de línguas, pois, na perspectiva de linguagem como interação verbal (VOLÓCHINOV, 2021; BAKHTIN, 2011), ao dizer de si, o escritor diz igualmente das condições do outro-leitor, nesse caso, o estudante de línguas; e diz também do mundo onde todos se inserem.

O que se pode dizer acerca do que Heitor A. Pereira enuncia nesse trecho transcrito? Ele diz, por exemplo, que furou a bolha, ultrapassou barreiras sócio-histórico-culturais, e lança um livro de poemas pelos quais, segundo ele, ainda na orelha, a caneta sangra “Sangue negro, que é tão belo quanto o desejo do poeta” (PEREIRA, 2015). Mas, essa compreensão da leitura do mundo, que ultrapassaria a palavra expressa no livro, ultrapassando, por vezes, os muros da escola, não está dada, precisa ser construída nas salas de aula de línguas, contribuindo para a formação de leitores cidadãos. Sobre os letramentos para a cidadania, Rojo (2004, p. 07) versa que

a escola e a educação básica são lugares sociais de ensino-aprendizagem de conhecimento acumulado pela humanidade – informações, indicações, regras, modelos –, mas também, e fundamentalmente, de formação do sujeito social, de construção da ética e da moral, de circulação das ideologias. Falar na formação do leitor cidadão é justamente não olhar só uma das faces desta moeda; é permitir a nossos alunos a confiança na possibilidade e as capacidades necessárias ao exercício pleno da compreensão.



Daí que a mediação da obra poética de Heitor A. Pereira (2015) na sala de aula possibilitaria, desde os elementos pré-textuais, como é o caso da orelha do livro, que os educandos percebessem que a leitura e a escrita, ou seja, a palavra, entendida como discurso ideologicamente constituído, segundo a perspectiva de Volóchinov (2021), tanto constrói os sujeitos, quanto por eles é construída, num constante movimento dialógico e responsivo.

Nesse processo de compreensão da publicação do *reverso*, obra do escritor oriundo de uma “micro-cidade do interior do estado” de Goiás, que não consta da lista dos cânones literários, o autor diz, também, que um outro mundo é possível, mas que não é construído apenas individualmente, como num estado psicologizante do sujeito lírico ensimesmado, mas na coletividade. Diz-se isso, inclusive porque, antes que o livro se materializasse no papel, ele foi fruto de um projeto de financiamento que envolveu outros sujeitos numa plataforma digital chamada “Catarse” (PEREIRA, 2014), o que também possibilita movimentar, na leitura que extrapola o meramente transcrito no livro, a compreensão do letramento digital nas salas de aula, pondo em questão a formação de leitores responsáveis e solidários para lidar com a vastidão de informações disponíveis na internet.

Para Ribeiro e Coscarelli (2022): um “dos aspectos do letramento amplificado pelos ambientes digitais é o acesso à informação. A internet é um espaço no qual todas as pessoas conectadas podem postar conteúdos – em blogs, sites ou nas redes sociais”, portanto, entende-se que a internet pode contribuir com a democratização do acesso à leitura, e também com as publicações literárias, como é o caso em tela; porém, dada a profusão de informações, inclusive de *fake News*, a formação de leitores responsáveis passa pela escola pois, continuam Ribeiro e Coscarelli (2022), “há muita informação disponível, e cabe ao leitor estar mais atento do que nunca à autoria, à fonte da informação, além de ter senso crítico para avaliar o que encontra”. Eis um aspecto relevante do letramento digital nas salas de aula de línguas, que é a seleção e escolha do que verdadeiramente importa a si e ao outro na construção de um mundo democrático e fraterno.

No caso do *reverso*, há questões interessantes quanto à publicação, uma delas, já citada, é o financiamento coletivo mobilizado pelos meios digitais. Outra questão é que o livro adveio de uma mídia digital do autor; fazendo o movimento de um gênero discursivo, *blog*, para o livro literário impresso; o que se aproxima do que aponta Bakhtin (2011) sobre o caráter inesgotavelmente multiforme dos gêneros discursivos, que, porquanto sejam “relativamente estáveis”, não estão prontos



e acabados. Essa perspectiva é relevante para os letramentos nas salas de línguas, porque a *internet* tem potencializado a variedade dos gêneros discursivos, permitindo, por exemplo, que um poema seja expresso de formas multissemióticas, por meio de imagens, sons, movimentos que ultrapassam o “letramento do impresso”, conforme explica Rojo (2020, p. 40).

De outra sorte, sobretudo entre os escritores jovens, o movimento de a palavra literária iniciar nas mídias digitais para, depois, ir para o papel impresso, é um acontecimento que tem sido cada vez mais comum entre os autores, o que muda um pouco o histórico de concentração das publicações pelas editoras nos grandes centros, tornando o processo um pouco mais democrático, embora ainda seja onerosa a publicação impressa. É o que possibilita a autores independentes, como é o caso de Heitor A. Pereira, encontrar meios para chegar aos leitores. Senão, observe-se a apresentação do projeto na citada plataforma “Catarse”:

O Reverso, minha primeira publicação impressa (publicação independente), está saindo do forno. Tenho trabalhado há algum tempo no livro, e depois de muito esforço, está pronta a coletânea de poemas. Tudo começou no blog Do meu jeito, e agora chego à **publicação impressa**. [...] Não tenho contrato com qualquer editora, nem é viável que eu, sozinho, financie a publicação do **Reverso**, arcando com os custos referentes às inscrições e cadastros (ISBN, Câmara Brasileira do Livro), e a impressão dos primeiros exemplares. A parte burocrática engole, de início, R\$ 366,00 (Prefixo editorial+ISBN+código de barras= 260,00; Ficha catalográfica - CBL = 106,00). O restante do valor do projeto se destina à impressão dos primeiros exemplares. Serão, aproximadamente, quarenta exemplares para o trabalho inicial de divulgação. O financiamento do projeto seria essencial para uma divulgação sólida do meu trabalho. (PEREIRA, 2014, grifos do original).

Observa-se como o movimento do *reverso* seguiu o percurso da *internet*, no *blog* “Do meu jeito”, para a publicação impressa, com o financiamento coletivo que, segundo o próprio escritor foi fundamental para que o livro se efetivasse no papel. Chama a atenção como houve a mobilização na plataforma de tal maneira que, conforme se verá na imagem que se segue, ultrapassou, inclusive, em “42%” o valor inicial previsto. O escritor tinha como meta “R\$ 950,00” (novecentos e cinquenta reais), e acabou angariando “R\$ 1.350,00” (mil, trezentos e cinquenta reais), conforme *print* da tela da plataforma “Catarse”, onde Pereira (2014) apresenta o projeto:



<https://www.catarse.me/reverso#about>

Assim, segundo essas informações, o projeto encerrou exitoso em 30 de janeiro de 2015, apoiado por quinze pessoas. Interessante, também, como o escritor estabelece um diálogo com os leitores-financiadores, quando propõe retribuições, chamadas por ele de “recompensas” e, entre elas, há a possibilidade de ser retribuído com um poema feito exclusivo ao apoiador. Veja-se o texto transcrito: “Recompensas: R\$ 20,00 - um poema exclusivo para o(a) apoiador(a); R\$ 60,00 – um exemplar do Reverso (com frete grátis), mais um poema exclusivo para o(a) apoiador(a)” (PEREIRA, 2014); o escritor esclarece, ainda, que, além de exclusivo, o poema se dará “com tema a ser escolhido pelo financiador(a)” (PEREIRA, 2014). Portanto, além do diálogo, há, de acordo com a concepção de linguagem de Volóchinov (2021), dialogismo e alteridade na construção dos poemas, que reflete e refrata o mundo social, cultural, histórico onde leitores e o escritor se constroem enquanto seres letrados pela palavra na realidade.

Na visão deste trabalho, o ato de mediar a obra poética *reverso* nas salas de aula, levando em consideração o contexto em que é publicada, além de possibilitar um letramento para a cidadania, que seria a leitura responsável do mundo, possibilita entender o letramento como prática social, sobretudo ao considerar, como explana Ferraz (2020), “a língua e a linguagem como práticas sociais”, e não apenas como um “sistema abstrato, fechado”. Esse entendimento favorece o diálogo nas salas de aulas



de línguas sobre grupos minorizados e desconstrução de paradigmas excludentes; como seria o caso de um jovem e “tímido” escritor goiano residente numa “micro-cidade” do interior. Para Ferraz (2020), o “letramento como prática social” liga-se ao interno e ao externo da escola ou da Educação, envolvendo, assim, contextos sociais, como o da publicação da obra *reverso*, de Heitor A. Pereira com o apoio coletivo potencializado pela *internet*.

Mas, além desse contexto de publicação, que possibilita práticas de letramentos digital, social, para a cidadania; este trabalho também destaca a importância dos letramentos literários mediados nas salas de línguas a partir da palavra poética dos escritores que, muitas vezes, não ocupam, por exemplo, os materiais didáticos oficiais, como seria o caso dos livros didáticos. Por isso mesmo, propõe um olhar sobre o poema “Waiting”, que integra a obra *reverso* (PEREIRA, 2015, p. 27), transcrito na íntegra:

Mais um dia
frio, como aqueles tantos
outros com os quais me afeiçoei.

Incessante, o vento...
Céu, lindo, cinzento,
tal qual saboroso alento
do coração inconstante.

Espera. Eis o termo
que embeleza o hoje.
Torna-o repleto da paz
que se encaminha,
e vem como a brisa.

Cool breeze in my face
in my memory
in my heart
in my history...
Beyond what I see, only.
Beyond what is seen...

A escolha por esse poema em específico se deu porque ele movimenta, a um só tempo, palavras em português e em inglês, concebidas como signos ideologicamente constituídos. De certa forma, esse poema quebra a atual organização do ensino compartimentado das línguas, dispostas em disciplinas apartadas, o que não permitiria a construção de leitores com uma visão global dos conhecimentos que envolvem textos e contextos. Afinal, aprender a ler nas aulas de português e de inglês não é só repetir palavras, tampouco memorizar conceitos dicionarizados, ou sequer traduzi-los



de um a outro idioma, mas, conforme ensina Rojo (2004, p. 1), “é escapar da literalidade dos textos e interpretá-los, colocando-os em relação com outros textos e discursos, de maneira situada na realidade social”, o que permite colocar em questão, inclusive, as relações sociais de um e outro país que tem cada idioma como língua materna. Ademais, complementa Rojo (2004, p. 1), ler “é discutir com os textos, replicando e avaliando posições e ideologias que constituem seus sentidos; é, enfim, trazer o texto para a vida e colocá-lo em relação com ela”. E a vida real, que pulsa na escola, na casa, na rua, na praça não é compartimentada, vez que o humano, é um ser integral, embora inacabado, estando sempre em construção a partir do outro, pela linguagem, como na visão de língua enquanto interação verbal (BAKHTN 2011; VOLÓCHINOV 2021).

No caso do “Waiting” (PEREIRA, 2015), vê-se um esforço do próprio escritor na construção de um leitor global que movimente, a um só tempo, ambos os idiomas, português e inglês; já que, levando-se em conta a compreensão do leitor-modelo de Eco (2004, p. 40), “[...] prever o próprio Leitor-Modelo não significa somente ‘esperar’ que exista, mas significa também mover o texto de modo a ‘construí-lo’.” Assim, há um dialogismo consciente, ainda que não-explicito, na escritura do poema, quando Heitor A. Pereira quer que, de alguma forma, o leitor tome posse de signos em duas línguas distintas para a efetivação do discurso por inteiro; numa relação discursiva que sempre se efetiva a partir do outro.

Quanto ao dialogismo e à alteridade da linguagem, Carvalhaes (2017, p. 128) explana que a “[...] língua é um constante processo criativo, uma atividade social mediada pelo diálogo; um movimento, sobretudo, marcado pela alteridade”. É assim, pois, que o escritor, ao convocar ao texto poético certos leitores, também se constrói a partir desses leitores, à medida que faz a si mesmo de tal forma que determinados tipos de leitores, nesse caso, no mínimo, bilingues, efetivem o discurso. Para que reverbere os sentidos provocados, Carvalhaes (2017) entende que a compreensão do texto depende da potencialidade do leitor-modelo de se mobilizar num jogo de enunciados a partir de signos ideológicos dialogicamente objetivados, do que pode advir uma atitude responsiva. Por isso mesmo a pertinência de o poema “Waiting” (PEREIRA, 2015) ser mediado nas salas de aula de línguas, entendendo que a resposta pode ser o próprio letramento, ou seja, a capacidade de o educando tomar posse da palavra social, histórica, ideológica, cultural encarnada no mundo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho quis entender que formar pessoas letradas vai muito além de ensinar a decodificar as letras, ou de juntá-las para que se formem palavras vazias de sentidos. Na perspectiva aqui expressa, os sentidos são construídos entre os textos e os contextos, por isso a mediação da leitura nas salas de aula de línguas é importante para formar leitores inteiros, que manuseiem com responsabilidade os discursos, em quaisquer formas discursivas em que sejam expressos, e em quaisquer meios, digitais ou impressos, em que se apresentem.

Formar leitores é, assim, formar cidadãos do mundo e para o mundo, que se preocupem com o coletivo, e que saibam identificar os conteúdos importantes a si e a outrem, não contribuindo, por exemplo, com *fake news*. E essa formação envolve todos os tipos de letramentos, como os digitais, os sociais, os para a cidadania, os literários, enfim, ser letrado é ato global, porquanto envolve o existir humano individual e coletivo.

No caso, por exemplo, da escolha da obra *reverso*, de Heitor A. Pereira tem razão de ser no fato de a primeira pesquisadora se inserir nesse *locus* social, histórico e cultural do município de Itauçu, Goiás, de onde fala o poeta. Daí que, não só pelo discurso da palavra pela palavra, mas sobretudo pelo discurso da palavra proferida enquanto responsabilidade social ideologicamente situada, a fim de dar vazão às vozes poéticas de, como informa o autor na orelha do livro, uma “microcidade do interior do estado” (PEREIRA, 2015), este trabalho se fundamenta.

Ademais, no caso específico do poema “Waiting”, o fato de ser licenciada em “Letras, Português, Inglês e suas Respectivas Literaturas, fê-la perceber a importância de, nas salas de aula de línguas, as línguas serem mediadas de uma forma inteira. Assim, o fato de, na mesma construção poética, o escritor convocar leitores que ocupem um espaço social a partir do qual sejam capazes de compreender os signos ideológicos em língua portuguesa e inglesa, para que verdadeiramente tomem posse não só do texto, ou do contexto de mundo em que o inglês é tido como uma língua global; mas também da fruição artística proporcionada pela palavra literária expressa em duas línguas que discursivamente se complementam, foi fundamental para que este trabalho tomasse razão de ser.

Tudo isso acentua a importância das salas de aula de línguas, e da educação linguística, sobretudo, na perspectiva de linguagem bakhtiniana que com todos os autores aqui citados dialoga.



REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **A Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem – Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2021.

CARVALHAES, Wesley Luis. **Signo ideológico e compreensão responsiva: contribuições bakhtinianas para o ensino de leitura**. In: LUTERMAN, Luana Alves Luterman *et al.* Educação linguística e formação docente: diferentes olhares epistemológicos. Campinas: Pontes, 2017. p. 125-138.

ECO, Humberto. **O leitor modelo**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FERRAZ, Daniel. Letramentos Made in Brazil e suas contribuições para os cenários educacionais e políticos. **YouTube**. Roda de Conversa sobre Letramentos, XVI ENFOPLE. UEG, Inhumas, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YIDAQ--jYi4>. Acesso em: 23 jul. 2022.

PEREIRA, Heitor A. **reverso**. Itaipava: Editora do Autor, 2015.

PEREIRA, Heitor Amaral. Reverso - o livro. In: **Catarse**, 2014. Disponível em: <https://www.catarse.me/reverso#about>. Acesso em: 23 jul. 2022.

RIBEIRO, Ana Elisa; COSCARELLI, Carla Viana. Letramento Digital. In: **Glossário Ceale**. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais-CEFET-MG / Departamento de Linguagem e Tecnologia, Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG / Faculdade de Letras. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/letramento-digital>. Acesso em set. 2022.

ROJO, Roxane. (Re)pensar os multiletramentos na pandemia. In: RIBEIRO, Ana Elisa; VECCHIO, Pollyanna de Mattos. (Org.). **Tecnologias digitais e escola: reflexões no projeto Aula Aberta durante a pandemia**. São Paulo: Parábola, 2020. p. 40-43.

ROJO, Roxane. Letramento e capacidades de leitura para a cidadania. São Paulo: SEE: **CENP**, 2004. Texto apresentado em Congresso realizado em maio de 2004. Disponível em: http://arquivos.info.ufrn.br/arquivos/2013121153a8f1155045828c12733b68e/Letramento_e_capacidade_de_leitura_pra_cidadania_2004.pdf. Acesso em: 23 jul. 2022.